

INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA DO SUL 23/11/2009

# AMÉRICA DO SUL: UM NOVO ESPAÇO EM CONSTRUÇÃO

1. Nós - o Brasil - somos a América portuguesa posta diante de uma dualidade clara que contrapõe a América espanhola à América inglesa. Dualidade que já estava posta no continente europeu. O processo de colonização espanhola na América sempre foi contestado pelos ingleses, e nós, como terceiros interessados, colonização portuguesa, acompanhamos, à época da colônia, esta contestação. Quando houve a independência nas Américas, manteve-se por inteiro a contraposição entre a América inglesa e a América espanhola. Por trás do imaginário inglês, há uma visão bem posta nas obras de Shakespeare, uma visão pragmática, muito realista, enquanto que o imaginário espanhol está posto numa visão sonhadora, não pragmática, construtiva de mundos imaginários, como está claramente posta na obra de Cervantes. Nós somos a América Portuguesa e, portanto, continuamos sendo um terceiro interessado.

O que acontece basicamente é que nós fizemos nossa primeira opção, logo após a independência, em 1823, pela visão inglesa, pela doutrina anglo-saxônica na América: A doutrina Monroe para nós era interessante, naquele momento. Nós fizemos esta opção pelo apoio a este discurso, pois estávamos isolados, cercados por um cordão de isolamento hispânico desde o tratado de Santo Ildefonso e víamos na Europa, após o congresso de Viena, a possibilidade de um processo de uma nova colonização. Esquecíamos o sonho espanhol, a utopia de Bolívar, a visão de uma união dos povos ibéricos postos na América, algo que também se perdia na repartição da América espanhola. Nós, até vinte anos atrás, estávamos afinados com a doutrina Monroe. Será que, neste momento da história, não nos cabe, como terceiros interessados, ou seja, como América portuguesa, mudar de posição, pendular e reconstruir o sonho de Bolívar, ou seja, buscar uma integração dos países de origem ibérica na América?

2. A resposta a esta questão já está dada, e é sim. Isto passa obrigatoriamente por um processo de cooperação sul-americana, que leve a integração dos países da América do Sul. Isto explica porque a nossa maior prioridade em termos de relações internacionais é o de construir um processo de cooperação sul-americana. A cooperação sul-americana é o caminho para a inserção internacional do Brasil. Esta conclusão não é autônoma nem empírica e não foi feita de forma isolada. É fruto de uma reflexão muito mais profunda que passou por uma avaliação do mundo político e do mundo econômico atual e passou por uma avaliação das nossas vulnerabilidades perante os outros países do mundo. O Mercosul foi uma resposta que nós pudemos dar a algumas dessas vulnerabilidades. Mas, uma resposta inicial que se insere na nossa concepção estratégica. Qual é a nossa concepção estratégica? Seu preâmbulo está no parágrafo único do artigo quarto da Constituição Federal do Brasil:

“A República Federativa do Brasil buscará integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações”.

3. Nosso objetivo central nesse artigo será o de reafirmar esta concepção, sua viabilidade, mediante a proposta já adotada de escaloná-la, passando previamente pela cooperação sul-americana.

4. Do ponto de vista geográfico, a América do Sul pode ser conferida, grosso modo, a categoria de continente do hemisfério sul. Tendo forma triangular, o setor mais largo do continente se concentra na zona equatorial terrestre; estreitando-se ao atingir a faixa temperada para

afunilar-se no vértice meridional na frente polar antártica. Nas baixas latitudes, a população para evitar as temperaturas mais quentes, notadamente dos países banhados pelo Pacífico, deu preferência às zonas andinas. Em contrapartida, os países banhados pelo Atlântico estando em contacto a América do Norte/Europa/África têm seus principais centros demográficos no litoral. Tal fato gerou a oposição entre as duas vertentes oceânicas:

A do Pacífico, “mar solitário”, de navegação extensiva, com feixes de circulação bem mais regional;

A do Atlântico de navegação intensiva com feixe de circulação intercontinental.

Quer pela oposição das duas vertentes oceânicas, quer pela existência das zonas excludentes, implantaram-se áreas geopolíticas neutras que por sua posição no *hinterland* predispueram os países sul-americanos a uma dissociação econômica, vivendo de costas uns para os outros.

5. Agora, pensemos o mapa do mundo. Verificamos ao fazê-lo que o Brasil, naturalmente, por posicionamento geográfico e a América do Sul, também, por questões geográficas, estão afastados das rotas internacionais do comércio. O Brasil e toda a América do Sul têm uma desvantagem operacional com respeito ao comércio mundial, porque as rotas mundiais do comércio se processam no hemisfério Norte e envolvem basicamente a parte norte do Hemisfério Ocidental, a Europa e a Ásia. O comércio da América do Sul é um processo marginal do comércio mundial. Isto pode ser um problema, mas, também, pode ser uma solução. Por que afirmamos isto? Olhando a história concluímos que foram sempre os periféricos de seu tempo que conquistaram o centro, como, por exemplo, Portugal e Espanha, no século dezesseis, a Inglaterra no século dezoito e os Estados Unidos no século vinte.

6. Contudo, na América do Sul nada é mais competitivo sob o ponto de vista de localização geográfica que os próprios países da América do Sul. A posição do Brasil no continente sul-americano é impar. Nós temos limites com quase todos os demais estados nacionais, com exceção de dois, o Chile e o Equador. Isto nos coloca em uma posição privilegiada, como articulador da integração do vasto território da América do Sul. Então, a posição geográfica dos países do Mercosul, em especial do Brasil, os coloca em uma situação singular, pois, em decorrência de sua periferia, em relação às rotas do comércio mundial, fomenta, em um primeiro momento, uma integração, como uma subpolarização, que tem claras características de futura expressiva polarização. Para se entender o termo polarização, é preciso entender que, no mundo de hoje, este é o fenômeno econômico determinante e não a globalização. Na verdade, o processo que está ocorrendo é a polarização. Isto porque o mundo hoje se polariza cada vez mais economicamente, politicamente, tecnologicamente e fisicamente em torno da Alemanha, do Japão e dos Estados Unidos. A título de exemplo desta polarização cabe a concentração empresarial. Se nós pegarmos as quinhentas maiores empresas, veremos que duzentos e quarenta são americanas, cento e vinte são japonesas e das restantes, oitentas são alemães.

7. É relevante o fato de que a América do Sul, indubitavelmente, é um território onde estão inseridos os maiores recursos estratégicos do mundo. Os estrategistas atuais estabelecem a existência de dois novos grandes problemas para a humanidade, no século XXI que situam nas crescentes necessidades de alimento e nas necessidades crescentes de água doce. A água se torna, cada vez mais, um problema crucial no mundo. A América do Sul tem, hoje, uma dotação *per capita* de água de cerca de vinte e oito mil oitocentos litros de água/dia, enquanto a Europa e os EUA têm respectivamente quatro mil e sete mil. A quantidade de água doce por habitantes na América do Sul é muitíssimo maior do que as dos demais continentes do mundo. Isto é extremamente importante. Outro ponto relevante é a questão agrícola. A América do Sul tem quarenta por cento de sua área agricultável, enquanto que os Estados Unidos só tem vinte e sete por cento. Já a Europa Ocidental tem quarenta e quatro por cento de área agricultável, mas, o território local é um quinto do território da América Sul. Na Europa Oriental e Rússia existe muito pouca área agricultável, assim como na Ásia. Em síntese, nós na América do Sul detemos uma grande parcela da área agricultável disponível e ainda não utilizada do planeta.

Concluimos que na América do Sul existe um amplo potencial e uma ampla disponibilidade de recursos agrícolas e de água.

8. Vamos estender um pouco esta avaliação de recursos da América do Sul. A América do Sul é auto-suficiente em termos de produção de alimentos, isto se dá tanto por causa do trigo da Argentina, como da carne do Uruguai, da Argentina e do Brasil, como do peixe que vem da Costa do Pacífico, do Peru, do Chile, etc. A América do Sul é auto-suficiente tanto em leite e seus derivados quanto em frutas e verduras. A América do Sul é auto-suficiente em termos de petróleo. A Venezuela sozinha tem reservas três vezes superiores às dos Estados Unidos. Em minerais de ferro, em cobre, em bauxita, em manganês, em metais básicos e em outros minerais, a América do Sul também é auto-suficiente. Onde nós temos problemas: é no carvão, mas, isto se deve ao fato de que ele não foi devidamente prospectado e nem o carvão que já foi encontrado está sendo explorado. Reservas existem em quantidade e qualidade na América do Sul, especialmente na Colômbia, mas não estão sendo exploradas. A mesma coisa se dá, com o titânio, com o tungstênio. Somos os maiores detentores de terras raras onde se encontram as grandes reservas de minerais estratégicos. Nós temos, mas não estamos explorando rocha fosfórica. Este é mais um problema. Potássio é um grande problema, mas isto não quer dizer que não existe potássio explorável na América do Sul. A América do Sul detém grande parcela mineral do planeta. É tida como tendo mais reserva mineral que a África ou que a Ásia, mais reserva mineral que a América do Norte. A este potencial natural agrega-se outro o biogenético. É na biodiversidade que a América do Sul tem outro grande trunfo, pois, no subcontinente sul-americano estão hoje mais de sessenta por cento das espécies animais e vegetais conhecidas.

9. Contudo, recurso natural não é mais a base sobre a qual se processa a acumulação de capital. Desde o século XVIII, é na indústria que se processa a acumulação, seja pela repetição dos processos produtivos, seja pela inovação. A indústria é o motor do desenvolvimento. Falemos, então, sobre a base industrial e sobre a possibilidade de uma ação industrial na América do Sul. Ainda é a produção de aço o melhor termômetro da atividade industrial. A produção da Argentina de aço foi, em 1995, de noventa e cinco toneladas *per capita*, o Brasil fez melhor, cento e noventa e seis, mas muito pouco se comparado ao Japão com um índice de novecentos e cinqüenta e uma toneladas de aço, a Alemanha com seiscentos e vinte e duas, aos Estados Unidos com quatrocentos e quarenta e sete toneladas *per capita*. O mesmo se dá para os demais insumos básicos. O mesmo se aplica aos bens de consumo duráveis, por exemplo, os refrigeradores, televisores, etc.

10. Aliás, o mercado potencial latente de bens industriais na América do Sul é um enorme patrimônio da região. Primeiro, porque na América do Sul a população não tem a sua demanda potencial de bens industriais atendida, em função de sua baixa renda média *per capita*, e segundo, porque é um mercado crescente demograficamente. Ninguém pode ter mais que duas geladeiras, três geladeiras já é um excesso, quatro geladeiras já até fica difícil de controlar. A maioria dos lares dos americanos e europeus tem mais de um refrigerador, já a maioria dos lares bolivianos não tem nem um refrigerador, Trinta por cento da população brasileira ainda está afastada da energia elétrica. Existe um mercado muito grande que não tem sido atendido, existe uma possibilidade de expansão enorme no território brasileiro e maior ainda na América do Sul. Mas, para atender este grande mercado temos que continuar implantando indústrias. Aliás, implantar indústria não quer dizer industrializar. Industrializar no bom sentido é ir-se aumentando o parque industrial criando-se atividades subsidiárias, integrando-se processos industriais, evitando-se transferir plantas importadoras, algo que só aumenta a dependência da industrialização. Industrializar é também garantir a população que habita o território onde este processo se dá a sua participação tendo acesso aos bens físicos produzidos por este processo.

11. Ainda olhando a atividade industrial é importante fazer notar a baixa capacidade de países da América do Sul em produzir bens de capital. Comparemos com dados da década de noventa, a produção em máquinas operatrizes de Brasil, Argentina e México com a de Coréia do Sul, Itália, Japão e Alemanha. A Alemanha produz cinqüenta vezes mais por habitante equipamentos do que a América do Sul, do que o Brasil, do que a Argentina, etc., a Coréia do

Sul, naquela época, já produzia seis vezes mais, a Itália dezoito e o Japão trinta vezes mais máquinas operatrizes que o Brasil. Estas máquinas são fundamentais no processo industrial. É óbvio que adiante temos que recuperar parcela expressiva do parque industrial sul-americano que foi destruída pela mal conduzida abertura recente. Temos que tentar preservar o parque industrial brasileiro que está em processo de sucateamento, e temos que fomentar produções industriais em outras regiões da América do Sul. Mas, repetimos, a questão central é a produção de máquinas e equipamentos. O Brasil tem recursos capazes de suportar cerca de setenta e cinco por cento das suas necessidades, mas os setenta e cinco por cento das necessidades do Brasil, correspondem a cinqüenta por cento das necessidades da América do Sul. Agora passemos aos insumos básicos: o cimento, o aço e as fibras sintéticas. Esta é uma avaliação geral: a América do Sul tem um alto grau de auto-suficiência nestes insumos básicos. Não há nada que não seja possível fazer, se for necessário ser auto-suficiente na América do Sul. Ser autárquico não é aconselhável na América do Sul, todavia, é possível. Se for necessário fazer, é possível de ser feito. Isto porque este é um subcontinente muito bem dotado.

12. Devemos falar, também, rapidamente, sobre o problema da agricultura na América do Sul. Começemos com o rendimento tonelada por hectare. Comparemos os dados da rentabilidade agrícola, por exemplo, da Argentina, que tem um dos melhores solos do planeta, com os da Europa Ocidental ou dos Estados Unidos. Indubitavelmente, toda a fertilidade do planalto brasileiro correu ao longo de milênios para a Mesopotâmia da Argentina. Apesar disto, os argentinos têm um rendimento por hectare muito menor que o dos Estados Unidos, ou da Europa Ocidental. O que explica isso? Primeiro, o número de tratores em utilização, no setor agrícola, na Argentina é muitíssimo menor que o dos Estados Unidos e da Europa Ocidental. Depois, o baixo uso de insumos modernos: defensivos e fertilizantes. O que está claro é que nossa agricultura é profundamente atrasada, quando aqui se fala em agricultura capitalista, ficamos imaginando, o que é que nossa agricultura, vis a vis, a agricultura européia e a agricultura americana. A agricultura sul-americana é uma agricultura retardada. Então, concluímos que nos é possível fazer um grande avanço com a modernização do setor agrícola. Outro fato importante é o pouco espaço relativo ocupado pelas áreas agrícolas. Há grandes possibilidades de se incorporar nos próximos anos novas áreas agrícolas ao processo produtivo. Hoje, ninguém tem mais possibilidade no mundo de incorporar novas áreas à atividade agrícola do que nós, sul-americanos. Várias novas regiões podem ser efetivamente incorporadas até o ano 2020 à atividade agrícola. Podemos aumentar fantásticamente a produção de alimentos seja pela incorporação de novas áreas, seja colocando mais tecnologia na agricultura das áreas já exploradas.

13. Contudo, não é possível a integração nem a cooperação na América do Sul, nem uma ação voltada para a integração e o desenvolvimento da agricultura e da indústria na América do Sul, com o Peru voltado o Pacífico, com o Brasil voltado para o Atlântico e com a Venezuela voltada para o Caribe. Tem que se acabar com a situação de que os países sul-americanos ficam voltados para o mar e de costa uns para os outros. É necessário que exista um projeto de infraestrutura que os una pelo interior do continente. Nós temos que integrar os mercados dos diversos países, algo que só é feito com infra-estrutura.

14. A oferta de infra-estrutura deve preceder a sua demanda para evitar gargalos e para induzir o desenvolvimento. O projeto de infra-estrutura na integração tem que se concentrar em três grandes áreas. A primeira é a área que compreende o transporte, que terá que se feito sobre a água de forma fluvial e marítima, sobre a terra, suportada em redes ferroviárias e rodoviárias, no espaço, por meio aéreo e a interconexão eficiente entre essas redes, com armazéns de cargas e descargas. A segunda área é a integração energética que compreende também as grandes obras hidráulicas. Não há continente passível de realizar obras hidráulicas no mundo com a importância daquelas que nós podemos realizar no continente sul-americano. Uma das razões explicativas disso é a grande quantidade de água doce nos rios sul-americanos. A terceira área seria a montagem de um sistema de comunicações que tem que ser imaginado de forma comum, interligando por cima das fronteiras o potencial disponível.

15. Nós, rapidamente, falaremos dos custos diferentes de meios de transportes. Os custos de transportes representam obstáculo significativo à efetiva integração regional. Estimamos que por meio aéreo se desloque uma tonelada de carga por uma milha por vinte e dois centavos dólar. A mesma carga num navio cargueiro, talvez custasse quase mil vezes menos. Existe uma gradação no custo de transporte, na qual o rodoviário é muito caro em relação ao ferroviário. O transporte mais barato é o transporte marítimo.

16. Isto demonstra a necessidade de se repensar o setor naval e se remontar o sistema portuário. Para valorizar o modal hidroviário, nós teríamos que de novo projetar e especializar os nossos portos. O sistema portuário da América do Sul deveria contemplar dois super portos que integrariam o continente ao mundo, um super porto em Sepetiba, aqui no Atlântico, e outro super porto em Arica ou outro porto na costa oeste do subcontinente, que se integraria ao sistema do Pacífico. Cada super porto se comportaria como um ponto de acumulação e de distribuição da carga que seria anteriormente coletada ou posteriormente repassada ao longo da costa respectiva do subcontinente.

17. Uma coisa de importância clara para nossa concepção estratégica, é a questão da nossa ligação com o Pacífico. Será de fundamental importância para nós, neste século XXI, que se proceda à ligação terrestre de nosso Atlântico com o Pacífico.

18. Outro ponto fundamental para o modal hidroviário é a integração das principais bacias dentro do subcontinente sul-americano. Nenhum subcontinente tem, no mundo, a possibilidade de se fazer, um sistema de distribuição de cargas, no seu interior, como tem a América do Sul, e isso têm que ser aproveitado. É um absurdo que isto não seja aproveitado, haja vista os baixos custos relativos do transporte sobre a água. Mas, para isso, uma série de grandes obras hidráulicas teria que ser feita. Tanto a expansão do antigo como a construção de um novo canal do Panamá nos interessa. A ligação da bacia do Orenoco com a bacia Amazônica e desta com a bacia da Prata também nos interessa. Outro exemplo de obra hidráulica de monta a ser realizada é a transposição de bacias, o que permitirá resolver definitivamente a questão da falta de água no semi-árido da região nordeste do Brasil. Temos inúmeras outras possibilidades de obras hidráulicas importantes no Brasil como o canal de Jacuí e o prolongamento da hidrovía do Tietê, mediante a construção de uma série de novas eclusas e em outros países da América do Sul como o canal de Bermejo, um grande projeto de integração, na bacia da Prata, que fará a ligação de parte da Argentina com grande parcela do território da Bolívia, promovendo um grande aproveitamento agrícola mediante o uso da irrigação, ou da construção de túneis transandinos destinados a levar água à costa árida peruana.

19. A situação atual do sistema ferroviário sul-americano é péssima. Existe uma variedade inadequada de bitolas na América do Sul. Aqui se têm seis bitolas diferentes, sendo que nenhum país sul-americano consegue ter uma rede com a mesma bitola. O setor ferroviário é um desastre completo na América do Sul. A montagem do esquema ferroviário na América do Sul foi, no passado, todo articulado, não para a integração de espaços no continente, mas para a exportação de produtos. Foi montado um sistema ferroviário destinado a retirar produtos do centro do território e colocá-lo na costa para exportá-los para outros espaços do mundo. Nós temos que ter uma proposta de reestruturação. Dentre outras ações que sugerimos para esta proposta, propomos a criação um corredor de alta velocidade com uma dupla linha que ligaria por ferrovia Santiago ao Rio de Janeiro, passando por Buenos Aires e São Paulo. Imaginamos construir cerca de setenta mil quilômetros de novas ferrovias até 2020. (Essa idéia de que perdemos o trem da história, que o sistema ferroviário não tem mais sentido etc., não é verdadeira). Para cargas de alto volume com mais de seiscentos quilômetros de distância média, o melhor transporte é o ferroviário no interior do continente. Na verdade, para não se perder o trem desta história, tem que se pensar que a ferrovia ainda é uma coisa plausível de se realizar.

20. Apesar das vantagens do transporte ferroviário durante muito tempo teremos que conviver com um transporte terrestre de base rodoviária. Mais da metade do transporte de cargas da

região se faz pelo modal rodoviário. Por isso deveremos projetar rodovias concentradoras na América do Sul que seriam rodovias de quatro ou cinco pistas e que poderiam ser feitas às margens das novas ferrovias a serem construídas e um amplo sistema de rodovias alimentadoras.

21. Infra-estrutura tem que ser vista como um conjunto. Não podemos fazer uma rodovia e não acompanharmos essa rodovia com um sistema de distribuição de energia e de telecomunicações, Se concebermos um projeto de uma rodovia em um território novo, e não levarmos, em paralelo, energia, nós pouco estaremos agregando.

22. Desenvolvimento é energia gasta assim como energia criada é desenvolvimento. O homem sempre buscou se apropriar da natureza e isto ficou muito mais fácil quando ele encontrou outras energias que não as dos seus músculos. A título de exemplo, o território do Japão e da Alemanha é muitíssimo mais dotado de energia que o nosso. O consumo de energia por habitante é muitíssimo maior nesses países do que na América do Sul. É em última análise, isto que demonstra aquilo que explica claramente, o porquê dos padrões de vida dos países centrais: A densidade de energia por quilômetro quadrado é muito maior nesses países que aqui. Outra questão fundamental que tem que ser vista é o custo de investimento em energia elétrica para a América do Sul. A melhor forma é ainda a hidroeletricidade em função de sua disponibilidade de seu baixo custo, vis a vis, outras formas de gerar energia. Mas, também, é óbvio que existe um custo crescente de aproveitamento de energia elétrica sob a forma hidroelétrica. Em alguns momentos existe nas projeções feitas sobre a geração de energia na América do Sul uma vantagem clara no aproveitamento de energia sob a forma termoelétrica. .

23. É importante observarmos que o gás tem se tornado cada vez mais importante com uma participação crescente na matriz mundial de produção e consumo de energia, devendo ser a mais importante fonte de energia entre 40 e 50 anos, quando as reservas de petróleo forem mais escassas. Assim, o gás, além de ser importante e estratégico atualmente, é a fonte de energia do futuro. Neste sentido, o projeto do chamado Gasoduto do Sul (Gasoduto Venezuela-Brasil-Argentina) é uma grande obra de engenharia, maior do que a construção de Itaipu (maior hidrelétrica do mundo). Foi concebido inicialmente a partir da constatação da crise energética que ameaça o Cone Sul nos próximos dez anos. A América do Sul explora incipientemente a energia do gás, enquanto a Europa e os EUA possuem enormes redes de gasodutos alimentando seus centros consumidores. Ademais, a avaliação de que as reservas de gás da Argentina estão escasseando, enquanto a Venezuela dispõe de imensas reservas inexploradas, é colocada como fator importante. O levantamento de mercado leva à conclusão da necessidade de oferta adicional de volumes significativos de gás natural, tanto para o Brasil como para Argentina, Uruguai e Chile, que poderá ser atendida pela Venezuela. O Gasoduto do Sul proverá um acréscimo de energia disponível aos países favorecidos que permitirá absorver o déficit do balanço de oferta e demanda de derivados de petróleo a partir da próxima década. 24. A integração energética sul-americana, ao prover a região com auto-suficiência e independência em relação a este setor estratégico e de carência mundial, fortalece a posição política e econômica da região internacionalmente, o que pode gerar sinergias e benefícios ao desenvolvimento da região. Ressaltamos que também é relevante a possibilidade concreta e que a energia nuclear se torne extremamente competitiva até o ano de 2020, o que nos leva a ter que continuar pensando em energia nuclear. Não podemos abandonar a utilização de energia nuclear para fins de geração de energia. Na questão da geração de energia ainda sobressalta o aproveitamento hidrelétrico que ainda disponível na bacia da Prata que é igual a uma outra Itaipu. Existe na Bacia do Prata hoje uma série de represamentos passíveis de ser feitos que somados sejam capazes de gerar energia em montante superior ao que vem sendo gerado em Itaipu. O potencial andino e amazônico de aproveitamentos hidroelétricos é gigantesco. Devemos transformá-los em realidade.

25. Mas, telecomunicações também é importante. Ao tratarmos da infra-estrutura de comunicações, gostaríamos de falar em educação. Não há exemplo melhor de progresso na educação que o consumo de computadores, algo que cada vez mais também está diretamente ligado às comunicações. A analogia é clara, a correlação é evidente e permite ligar a questão da educação às comunicações. Sem redes de processamento, hoje os processos educacionais

estão muito limitados, o que limitará também o crescimento da utilização de computadores. Mas, nada mais espantoso que a venda anual de computadores na América do Sul. Durante dez anos, entre 1996 e 2005, o maior crescimento relativo mundial na utilização de computadores foi na América do Sul. Isto demonstra, claramente, que existe um potencial enorme de utilização de microcomputadores, de fibras óticas, de satélites, de torres de microondas que unirão e alimentarão esses computadores. Em síntese o que nós procuramos, é ter um projeto de desenvolvimento econômico na América do Sul que, efetivamente, garanta inserção do Brasil e da América do Sul no mundo, de uma forma muito melhor do que hoje estão inseridos. E isto só é possível com um grande esforço na montagem de uma expressiva base de infra-estrutura.

26. Abordemos agora a polêmica questão relativa ao crescimento demográfico na América do Sul. Diferentemente do que se diz, o território da América do Sul tem enormes vazios demográficos. Para se ter uma idéia, por exemplo, o Uruguai tem três milhões de pessoas e, destes, dois milhões moram em Montevidéu. No interior uruguaio existe um enorme vazio entre um lugar e outro. Vemos o mesmo processo na Patagônia, em toda a região amazônica, entre outras. Uma das coisas que precisa ficar clara, é que a América do Sul é um continente vastamente pouco povoado, diferentemente do que vemos nos arredores do Rio de Janeiro e no entorno de São Paulo, que são super povoados. O problema real deste século para a América do Sul não foi uma taxa excessiva de crescimento demográfico, mas sim o fato desta explosão demográfica não ter ocorrido um século antes. Se tivesse ocorrido, esta taxa de crescimento como ocorreu nos Estados Unidos e na Europa, talvez a situação, hoje, fosse bem melhor.

27. Somos de opinião que para apoiar a infra-estrutura, financiar força de trabalho de mercado para a produção industrial, é requerido um território que possua uma densidade demográfica mínima. Isto é uma condição necessária, mas não é uma condição necessária e suficiente. Para que se tenha mercado em termos industriais modernos tem que existir uma ampla base espacial com uma densidade mínima que estimamos em cinquenta habitantes por quilômetro quadrado. Tem que preencher esta condição, só que esta não é a única condição. Existem outras. Se não tiver um amplo espaço com esta densidade mínima de cinquenta habitantes por quilômetro quadrado, pode-se desistir de pensar em montar uma ampla e diversificada base industrial. Outra coisa que acreditamos é que: torna-se também necessário, alterar a composição interna, da força de trabalho, liberando, gradualmente a força de trabalho, que aparece no campo pela utilização intensiva de maquinário, primordialmente, no início para o campo industrial, que mais adiante vai se transferir para o setor de serviços. Esta idéia que o setor de serviços é gerador de empregos é verdadeiro, mas, não há nada mais falso que a construção da riqueza decorre diretamente do setor de serviços. O gerador de riqueza sempre será a geração de bens físicos. A riqueza não surge com turismo, nem com parques temáticos. Eles só refletem a riqueza. O que é relevante é sempre ter mãos de obra integrada ao processo produtivo, gerando produtos. Para nós podermos avançar, evidentemente, temos que fazer uma alteração da composição interna da força de trabalho. Queremos dizer que o número de operários produtivos deve crescer até chegar a um percentual de 50% do total empregado, que é a proporção que têm, por exemplo, a Alemanha, o Japão e os Estados Unidos. O emprego desses operários produtivos deve-se concentrar em máquinas, na produção de bens de capital, dentro dessa área, de máquinas e ferramentas. Em particular, se deve separar 5% da população economicamente ativa (PEA) para ser empregado no campo técnico como cientista, técnico ou engenheiro. Este é o caminho do desenvolvimento, do crescimento econômico. Não tem outro.

28. Em síntese, avançamos numa concepção estratégica em que primeiro lugar, determina que na América do Sul se cresça a população total - essa idéia de que a população tem que se estabilizar choca-se frontalmente com a nossa assertiva que é necessário dar combate aos espaços vazios - em segundo, coloca que a população economicamente ativa deve se estabilizar em um mínimo de quarenta por cento da população total, e que, portanto, se busque um projeto, que dê emprego para mão de obra disponível (Importar tecnologia para desempregar é um absurdo. Tem que se ter um projeto que empregue a mão de obra, que

sempre empregue a mão de obra, que deve sempre ser visto como um bem escasso, se mais não fosse, por que leva 20 anos para se formar um homem).

29. Agora, é evidente que para enfrentarmos esse tipo de problema, nós temos que mudar estruturalmente a população. Não basta ter boa vontade, temos de ter homens educados, tem que ter um continente educado, ou, um conjunto de países educados. A América do Sul tem as piores taxas de educação, tirando a África, do mundo. Nos vários programas de educação de primeiro e de segundo grau, na América do Sul, se faz a mesma pseudo-educação que é feita aqui no Brasil. Há um número excessivo de estudantes em sala de aula. Seria uma bobagem comparar estudantes americanos, alemães, japoneses com os seus equivalentes sul-americanos. Outros grandes problemas são a capacitação deficiente de mestres e o uso de material de trabalho antiquado, principalmente, no campo de educação científica, e, por último, e, principalmente, o que nos parece ser o maior empecilho, as condições gerais de pobreza em que vivem os estudantes, algo que dificulta, grandemente, a concentração do estudante em sala de aula. Se nós pudéssemos resumir quais são os problemas do ensino de primeiro e de segundo grau, eles estão aqui nas colocações já citadas. São aqueles, os maiores problemas da educação básica na América do Sul.

30. Outro problema que pretendemos tangenciar é a questão da educação superior na América do Sul. Vejamos os adolescentes de quinze a dezessete anos na América do Sul. A população total nesta idade é estimada em quarenta milhões de pessoas, o número de matriculados do quarto ao sétimo ano é de dezenove milhões, ou seja, quarenta e oito por cento dos adolescentes estão fazendo o segundo grau, e os outros cinqüenta e dois por cento já não estão mais fazendo o segundo grau. Se nós olharmos para o ensino superior, as taxas ainda caem mais. E se atentarmos para a especialização, na faixa etária compreendida entre vinte e dois a vinte e quatro anos, existem só dois e meio por cento fazendo alguma pós-graduação. Ao comparamos estes dados com os dados americanos, alemães e japoneses verificamos que nós estamos preparando uma mão de obra incapaz de levar adiante uma competição com eles. Outra coisa gravíssima aparece quando comparamos o número dos matriculados em ciências naturais e em engenharia, em universidades de diversos países com os dados de Argentina, Brasil, Peru, Venezuela. Vejam quantos estudantes têm sido formados em atividades técnicas em nossos países, por milhão de habitantes, e comparem estes dados com os da Alemanha, com os da China, com os da Coréia do Sul, com os dos Estados Unidos e com os do Japão. É evidente, uma clara não capacitação tecnológica nossa e dos países dos vizinhos da América do Sul, simplesmente, por que não damos ênfase à educação e, mais ainda, no pouco que fazemos, não temos enfatizado a questão de educação na engenharia ou nas ciências naturais.

31. A América do Sul, hoje, é marginal, periférica, fornecedora de matéria-prima e com uma base industrial e tecnológica muito incipiente. Para nos desenvolvermos é necessário que nós entendamos os problemas que ainda estão postos no subcontinente, e verifiquemos a necessidade criada e recriada de uma crescente interação econômica permanente entre os países da América do Sul. Também é necessário que aumentemos a produção e a produtividade e processemos a escolha das combinações adequadas nos processos produtivos para proporcionar empregos para grandes números de desempregados já existentes e que busquemos atender anualmente a grandes massas de pessoas que procuram ingressar no mercado de trabalho. Para se atingir isso, é claro que se deve buscar a criação de um mercado comum envolvido por um sistema aduaneiro protecionista, que garanta o desenvolvimento da indústria local, para suprir ao máximo necessário às atividades regionais. Deve-se, também, procurar a integração física da região, através da construção de grandes obras de infra-estrutura. Tem que se pensar na criação de um único sistema de crédito voltado para o desenvolvimento da região, e pensar, também, na criação de uma moeda única.

32. Isto só será possível, contudo, se o Brasil tomar a si esta tarefa a de construir a cooperação na América do Sul e investir neste processo, principalmente, no financiamento da construção da infra-estrutura física do subcontinente.

33. Contudo, para tanto o Brasil conta com o maior dos ativos: o seu povo. O povo brasileiro é provido das mágicas necessárias para essa construção. As mágicas mais relevantes que o povo brasileiro possui e que lhe possibilitarão acompanhar o Brasil nesta construção não lhe são exclusivas, outros povos da região também as possuem, contudo, só o povo brasileiro as tem todas conjugadas. E quais são estas mágicas?

- A mágica da antropofagia é a propriedade que possuímos no Brasil de apropriarmos-nos, transformando, de qualquer manifestação cultural exógena.
- A mágica do passado comum é a característica que detemos, no Brasil, de ver o estrangeiro presente como se fosse eu entre nós e não um tu entre nós.
- A mágica da mestiçagem é a propriedade que nós temos de deter diferentes graus de morenidade.
- A mágica do sincretismo é a completa convivência religiosa, algo que no mundo não tem a dimensão que adquire no Brasil.
- A mágica dos trópicos reside na construção de uma civilização pelo cooptação daquilo que a natureza tem de mais pujante e agressivo: os trópicos.
- A mágica da tolerância pode ser colocada como cordialidade, como subserviência, como humildade, e até mesmo como impotência, mas é exclusivamente tolerância com o diferente, com o estranho, com o incomum, com o inusitado.
- A mágica da transcendência que é a de pairar sobre todas as outras mágicas, unificando-as em uma só, criando delas um idealismo para além do subjetivo, que transpõe a alteridade posta na dialética e sendo um aceite a tudo e a todos.

34. Todo o exposto já apresenta conseqüências práticas. Desde o início do governo Lula, o Brasil explicitou a prioridade que seria atribuída na sua política externa às relações diplomáticas e econômicas com os demais países da América do Sul, abandonando a simples retórica e a visão economicista praticadas pelo governo anterior. Tal postura trouxe resultados concretos, que podem ser evidenciados analisando meramente a esfera comercial durante os três primeiros anos desta política. Entre 2002 e 2005, aumentou o fluxo de comércio (exportações + importações) do Brasil com cada um dos principais países da América do Sul. O fluxo de comércio do Brasil com todos esses países juntos cresceu 71,66% neste período, passando de US\$ 15 bilhões em 2002 para US\$ 26 bilhões em 2005 – enquanto o fluxo de comércio do Brasil com o mundo cresceu quase 47% no mesmo período. A participação da América do Sul no comércio com o Brasil aumentou em relação ao comércio brasileiro com o mundo. Em 2002, o fluxo de comércio brasileiro com os principais países sul-americanos representou 14% do seu fluxo de comércio total. Este índice evoluiu para 17% em 2005. Em 2002, o saldo comercial do Brasil com os principais países da região foi deficitário em cerca de US\$ 200 milhões - exportações de US\$ 7,4 bilhões contra importações de US\$ 7,6 bilhões, aproximadamente. Devido ao crescimento mais rápido das exportações em relação às importações, tal déficit comercial evoluiu para um superávit crescente nos anos seguintes, alcançando US\$ 8,6 bilhões de superávit comercial em 2005. Em 2002, o Brasil exportou US\$ 60,4 bilhões, dos quais 12% das exportações tiveram como destino países sul-americanos. Entre 2002 e 2005 esse percentual passou de 12,3% para 17,9%. Em 2002, o país importou US\$ 47,2 bilhões. Deste total, US\$ 7,6 bilhões foram de países sul-americanos, ou seja, 16,10% das importações, mas esta proporção caiu para 14,3% em 2005. É importante ressaltar que o Brasil é crescentemente um exportador de bens manufaturados de maior intensidade tecnológica e valor agregado e importador de commodities primário na América do Sul. No entanto, em relação ao seu comércio com o mundo, a posição do Brasil tem sido crescentemente inversa – de importador de manufaturados de maior intensidade tecnológica e valor agregado e exportador de commodities. Como exemplo, notemos que, de 2002 a 2005, as exportações do Brasil para a América do Sul de máquinas e equipamentos cresceram mais

de três vezes e as exportações de materiais de transporte tiveram aumento de 288% no mesmo período.

33. Assim, apontamos o caminho da integração regional sul-americana como o mais benéfico à produção e ao comércio brasileiro, favorecendo objetivos não somente econômicos, mas, também, político-estratégicos. Neste sentido, é preciso pensar em uma integração cooperativa, promovendo a industrialização em todos os países, ampliando os mercados para intercâmbios recíprocos, que gerem sinergia e desenvolvimento, distribuindo-o por todas as camadas sociais.

35. A solução para as questões sociais e econômicas da América do Sul será a mesma solução das questões sociais e econômicas do Brasil assim como nosso projeto nacional passa por uma integração regional bem sucedida na América do Sul.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, A., 1968, *Pan-Americanism from Monroe to the Present: A View from Other Side*, New York and London, Monthly Review Press.

AMADO, R., 1982, *Araújo Castro*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília.

ATKINS, G.P., 1980, *América Latina en el Sistema Político Internacional*, Colección Política y Comunicación, México, Ediciones Gernika.

BACKHEUSER, E., 1952, *Curso de Geopolítica Geral e do Brasil*, Rio de Janeiro, Brasil.

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA, Março-1998, -Secretaria De Comércio Exterior (SECEX)-Departamento Técnico de Intercâmbio Comercial (DTIC).

BASTIDE, ROGER, 1973, *Brasil Terra de Contrastes*, São Paulo, Difusão Européia do Livro.

BECKER, B.K. e EGLER, C. A. G., 1992, *Brazil, A New Regional Power in the World Economy*, Cambridge, Cambridge University Press.

BNDES, 1997, *A Inserção das Exportações Brasileiras no Comércio Internacional de Mercadorias: Uma Análise Setorial*

BOMFIM, MANOEL, 1944, *A América Latina*, Rio de Janeiro, Editora Stampa.

CASTRO, TEREZINHA DE. , 1992, *Nossa América, Geopolítica Comparada*, Rio de Janeiro, IBGE.

CEPAL, 1997, *Anuario Estadístico de América Latina y el Caribe--Edición 1996*, Santiago, Naciones Unidas

CEPAL, 1997, *Estudio económico de América Latina y el Caribe-1996-1997*, Santiago, Naciones Unidas

CERVO, A. L., BUENO, C. , 1992, *História da Política Exterior do Brasil*, São Paulo: Editora Ática.

COSTA, DARC, 1997, *Brasil Defesa do Estado*, Rio de Janeiro, CEBRES

COUTO E SILVA, GOLBERY, 1981, *Conjuntura Política Nacional O Poder Executivo e Geopolítica do Brasil*, Rio de Janeiro, Editora José Olympio.

COUTO E SILVA, GOLBERY, 1981, *Planejamento Estratégico*, Brasília, Universidade de Brasília..

FREITAS JR., N. R. , 1994, *O Capital Norte-Americano e Investimento no Brasil Características e Perspectivas de um Relacionamento Econômico*, Rio de Janeiro, Editora Record..

FREYRE, GILBERTO, 1971, *Novo Mundo nos Trópicos*, São Paulo, Companhia Editora Nacional.

GONÇALVES, REINALDO ... et al, 1998, *A Nova Economia Mundial*, Rio de Janeiro, Editora Campus.

GONÇALVES, REINALDO, 1994, *O Abre Alas A Nova Inserção do Brasil na Economia Mundial*, Rio de Janeiro, Editora Relume Dumará.

GOODMAN, L. ... et al, 1995, *Lessons of the Venezuela Experience*, Baltimore, John Hopkins University Press.

LIMA REGO, ELBA CRISTINA, Fevereiro-1995, - *O Processo de Constituição do MERCOSUL* - Rio de Janeiro, BNDES

MEIRA MATTOS, C., 1977, *A Geopolítica e as Projeções de Poder*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

MEIRA MATTOS, C., 1980, *Uma Geopolítica Pan-Amazônica*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

MEIRA MATTOS, C., 1984, *Geopolítica e Trópicos*, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército.

MERCOSUL - Textos Básicos, 1992, - Fundação Alexandre de Gusmão, (Coleção Integração Regional I), Brasília.

MINISTERIO DE LAS RELACIONES EXTERIORES, 1993, *Grupo de los Tres*, Santafé de Bogotá, Puntos Gráficos.

MINISTERIO DE LAS RELACIONES EXTERIORES, 1993, *Colombia-Venezuela: Un nuevo esquema bilateral*, Santafé de Bogotá, Puntos Gráficos.

MONIZ BANDEIRA, 1973, *Presença dos Estados Unidos no Brasil: (Dois séculos de história)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

MORGENTHAU, HANS J., 1951, *In Defense of the National Interest: A Critical Examination of American Foreign Policy*, New York, Knopf.

MORSE, R. M., 1995, *O Espelho do Próspero- Cultura e Idéias nas Américas*, São Paulo, Editora Schwarcz Ltda.

MUIR, R. , 1975, *Modern Political Geography*, London, Macmillan

OMAN, C., 1994, *Globalization and Regionalization, The Challenge for Developing Countries*, Paris, OECD.

ORGANIZATION DES NATIONS UNIES (ONU), 1992, *Étude sur l'économie mondiale*, New York, United Nations.

PARLATINO, 1995, *Cuadernos del Parlatino n. 5, Seminario Mercosur-Venezuela*, São Paulo, Editora do Parlatino.

PAULA CIDADE, F., 1940, *Notas de Geografia Militar Sul Americana*, Rio de Janeiro, Biblioteca Militar.

POITRAS, G., 1990, *The Ordeal of Hegemony: The United States of Latin America*, Boulder, Colo., Westview Press.

PORTER, M. E., 1989, *Estratégia Competitiva*, Rio de Janeiro, Editora Campus.

RAPOSO, AMERINO, 1992, *Dimensões da Estratégia (volumes I e II)*, Rio de Janeiro, BIBLIEX.

RODRIGUES, LYSIAS A., 1947, *Geopolítica do Brasil*, Rio de Janeiro, Biblioteca Militar.

SARDENBERG, RONALDO S., *A Inserção Estratégica do Brasil*, São Paulo, NAIPE/USP

SHANAHAN, E. W., 1963, *South America: An Economy and Regional Geography*, London,

STRANGE, S., 1988, *States and markets*, New York, Basil Blackwell.

TOURAINÉ, MARISOL, 1995, *Le Bouleversement du Monde Geopolitique du XXIe Siécle*, Paris, Editions du Seuil.

ULLOA SOTOMAYOR, A., 1938, *Congresos Americanos de Lima, 2 vols.*, Lima, Imprensa Torres-Aguirre.

UREÑA, P.H., 1992, *Historia de la Cultura en la America Hispanica*, México, Fondo de Cultura Economica.

VAYSSIÈRE, PIERRE, 1996, *L'Amérique Latine de 1890 à nos jours*, Paris, Hachette Supérieur.

ZEA, LEOPOLDO, 1995, *Fuentes de la Cultura Latinoamericana*, México, Fondo de Cultura Economica